

CHE VUOI?

Fani Hisgail*

Abstract: A função do trabalho no capitalismo pós-humano se encarrega de exigir o máximo dos assalariados, em termos do tempo e da vida pessoal. A ele é imposto uma servidão voluntária com respeito aos códigos de conduta e da política de concorrência entre rivais, chefes e patrões.

Keywords: Psicanálise, Capitalismo, Pós-humano, Lacan.

Acabara de voltar para casa depois daquelas entrevistas e questionários aplicados pelo pessoal do RH da empresa do ramo de eletrônicos. Vez por outra, a cena aparecia em pensamento, e ele a rememorava. Foi quando chegou ao local que o entrevistador soltou umas folhas, um questionário com 120 perguntas para respondê-las na lata, sem pestanejar nem hesitar. Não sabia, ao certo, quanto tempo passara lá, com todos os outros concorrentes para aquela vaga, do Marketing; só pretendia resolver essa tarefa e sair o quanto antes para não se aborrecer.

Entretanto, sem saber o motivo, uma pergunta era reprisada na sua cabeça: *O que você faria se sentisse desejo de beijar uma mulher?* Ora, o que isso tem haver com a minha

necessidade de emprego? Porque falar de mulher, bem agora que quero acabar de responder e cair fora! Eles disseram que deveríamos escolher a pontuação de 1 à 7; afinal, o que eles querem saber? O que querem de mim? Há sempre uma demanda desmesurada, pedindo algo impossível de satisfazer. Não tive dúvida, mirei o 7, até para confirmar que sou macho! Apesar disso, não sossegou. Outra hipótese era considerar a ambigüidade implícita, sugerindo que quem se posiciona assim, firme e franco, sustenta o desejo. A atração sexual, passo prévio do desejo, tem se tornado um fato indigno, agora denominado de assédio moral. Após tantas elucubrações, o jovem concluiu que sua resposta poderia tê-lo desclassificado na seleção.

A função do trabalho no capitalismo pós-humano se encarrega de exigir o máximo dos assalariados, em termos do tempo e da vida pessoal. A ele é imposto uma servidão voluntária com respeito aos códigos de conduta e da política de concorrência entre rivais, chefes e patrões. Os depoimentos de jovens que estão em início de carreira e que sofrem pressão constante confirmam o adoecer gradual e sutil, pelo qual são submetidos para se adequarem às normas do corporativismo empresarial.

Pode-se dizer que a privacidade subjetiva está em perigo? A época é de vigilância total, com câmeras internas e externas semelhantes ao olho do panóptico benthamiano, que tudo vasculha, onde muitas atividades são permitidas, menos parar de trabalhar. Outra expressão do momento é a prevenção sanitária - o ato de comer, beber, dirigir, deslocar-se, respirar, sempre em relação a se prevenir do pior. O que mais pode adoecer e aniquilar o trabalhador?

As reivindicações da cultura e os ideais pós-humanos definem um estilo de vida para o trabalhador, provocando fundas mudanças na visão acerca daquilo que é humano. É de se supor que a exigência pode ser muito pesada para cumpri-la, e o preço que se paga por não alcançá-la é a culpa. O fracasso é atribuído ao que lhe parece ser sua própria impotência. Então, o supereu não perdoa! O sentimento de culpa é demasiado imponente e manifesta-se sob a forma em que a agressão é deslocada para dentro, contra si mesmo. Os que sobrevivem são aqueles que lhes sobram talentos para conduzir a vida, apesar das auto-recriminações; na medida do possível, projetadas nos outros.

O questionário é o instrumento mor da burocracia e dos organismos institucionais, cuja pretensão é detectar os perfis psicológicos de pessoas certas para fazer os negócios prosperarem. Lógico que nem sempre isso funciona; na realidade, o

que conta do questionário é que este representa um feixe do monitoramento da sociedade de controle, baseada no medo como motivação última. Perder o emprego ou renunciar a si mesmo? Não ousar desejar, se abstendo da diferença e da singularidade, salvaria o posto de serviço? A que preço! Suicídios e depressões, síndrome do pânico e transtornos obsessivos compulsivos, além de angústias e tristezas que tornam qualquer um incapaz.

A época da dominação da imagem e da exposição de vidas privadas nas telas e espelhos do cotidiano tem fornecido uma compreensão sobre a sociedade de consumo e dos emergentes que obtiveram rapidamente a ascensão profissional. Mas a instância preponderante de captação de informações sobre o trabalhador é o registro, ou seja, o que foi anotado no questionário. Esta prática foi antecipada pelo surgimento da carteira de identidade com os dados de filiação, nascimento e país de origem. O objetivo, antes de “vigiar e punir”, virou “vigiar é prevenir”.

Naquela noite, o jovem candidato teve um pesadelo, e acordou ansioso, no segundo dia do processo seletivo. De imediato, associou com um filme, *El Método* (Marcelo Piñeyro, 2005). Tudo a ver, a seleção anti-natural: no ano de

Darwin, o darwinismo social, a sobrevivência dos mais aptos, o plano de carreira... Mas o desassossego voltou em dobro, ao lembrar o título brasileiro: *O que você faria?*

Notas

* Fani Hisgail é psicanalista. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professora convidada no curso de pós-graduação Lato Senso “Semiótica Psicanalítica - clínica da cultura”. Publicou vários artigos em revistas e organizou: “14 conferências sobre Jacques Lacan” (Escuta, 1989), “Biografia: sintoma da cultura” (Hacker, 1997), “A ciência dos sonhos” (Unimarco, 2000) e é autora de “Pedofilia, um estudo psicanalítico” (Iluminuras, 2007).

Referência

El método. Dir.: Marcelo Piñeyro. Argentina/Espanha. 115 min 2005.